

## LIVROS &amp; RESENHAS

## DAS ANTIGAS



DEMITRI TÚLIO

demetri@opovo.com.br



## TEMPO DE FLOR

**CHORAVA FINO E INTEIRIÇO.** Igual a chuva pouca que incomoda e não deixa fazer sol. Durava horas, dias, e não chovia grosso. Um empanco de vida, enfado e aparência que não ia deixar, nunca, findar a neblina. E ia chorando um ano, dois, três, dez. Sem pausa e verão. Desconsolada. Imagine a noite, silente e madrugada, pingando chato.

**CHOROU ASSIM PORQUE** depois da filha única fez-se infértil. Então, não era terra natanta. Nunca mais ia embuchar, inchar os peitos, alargar as ancas e vomitar o estômago. Gostava dessas gesturas e não era o mesmo que buscar cria desafortunada no sertão ou topar com rebento na soleira da casa.

**TINHA VOCAÇÃO PRA** mãe e derretia-se em medo de perder a cria, parida de seus dentros. Perturbação de mãe de filha única. Sempre a vigiar a respiração do sono da infanta. Pra ter certeza de que estava viva, de que não havia se ido antes do tempo supostamente presumido.

**POR ISSO NÃO A DEIXOU** pagã por mais de uma hora. Ainda se derramava em dores, parteira de mãos pesadas e espírito atravessado. Foi o tempo de o padre chegar, desapear do animal, arrumar os paramentos e fazer duma caneca de alumínio, cálice. A mesma bacia que aparou os troços que saíram das vergonhas com a menina serviu de rio Jordão.

**CHINELOS EMBORCADOS NÃO** poderiam estar. Desvirava. A filha não virava bunda canastra, não restava sozinha e nunca andaria de avião. Cria única. Não tomava banho de rio e não se balançava na goiabeira do quintal. Poderia cair, quebrar o pescoço, ralar o joelho e pegar infecção definitiva.

**MESMO ASSIM, A MUQUINHA** não vivia macambúzia. Pelos inversos. Ignorava os assombros maternos e ia indo sem artifícios e nauseabundos. Apesar dos olhos alheios que olhavam tudo, escapulia quando dava e experimentava. Sem arrancar chaboches e continuar viva.

**FOI MENINA ATÉ QUANDO** estava escrito nos destinos. Mas após virar moça, agateou-se, abonitou e despertou a cegueira de Inhor. O Desmedido que um dia foi anjo e depois se enfurnou no oco da terra abrasada. Abriu-se um dia o chão e, quando a Inha cheirava uma flor, arrastou-a para a morada dele. Pra sempre e nunca mais.

**A INFÉRTIL, QUANDO SOUBE,** passou a chorar do primeiro ao último dia dos 365. Choro fino e doído. Intermitente, neblina que se pensa não molhar. Miadeira sobre a terra e gemido. Tome lamentação e choramingo. Foi tanto que o Desmedido se perturbou. Não se sabe se compadecido ou aperreado.

**DE FINDO, SEI QUE HOUVE** permitido pra cria subir em tempo de flor. Tinha com a mãe e, depois, volvia para os confins. Ai, iniciava o tempo de choro fino, doído. Neblinava e não deixava fazer sol.

A COLUNA DAS ANTIGAS É PUBLICADA AOS SÁBADOS

## AFINIDADE COM O PRECONCEITO

RESENHA

DEPOIS DE NÃO SOMOS RACISTAS, ALI KAMEL LANÇA SOBRE O ISLÃ, NO QUAL MERGULHA NAS SEMELHANÇAS ENTRE MUÇULMANOS, JUDEUS E CRISTÃOS E NAS ORIGENS DO TERRORISMO

MARCOS TARDIN &gt;&gt;&gt; ESPECIAL PARA O POVO

Seis anos depois, o 11 de setembro ainda horroriza. E o horror, como se sabe, provoca náuseas no estômago. Mas também acelera os neurônios. O choque de dois aviões com as Torres Gêmeas gerou uma produção literária como poucas vezes na história da humanidade. De romances a teses acadêmicas, as tentativas de entender o "mundo" árabe-muçulmano multiplicaram-se. Passados os primeiros espasmos, vem, num crescendo, a lucidez. Sobre o islã - *A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo* (Editora Nova Fronteira, 320 páginas), de Ali Kamel, é um presente para quem quer distância do lugar-comum.

A primeira parte do livro dedica-se exatamente às afinidades entre as três religiões monoteístas. Começa muito bem. É bem verdade que não diz nada de novo para quem é familiarizado com o tema, mas acerta em cheio no encantamento do convite. Porque muito provavelmente, você, leitor, foi educado a pensar que o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo são religiões completamente opostas, rivais até. Pois Kamel reforça o muito que as três têm em comum. Muçulmanos, judeus e cristãos comungam a mesma origem.

Do Gênesis, ao Êxodo, de Adão a Moisés, os livros sagrados das três religiões monoteístas contam a mesma história. A Torá, o Evangelho e o Alcorão narram, com pequenas diferenças, a trajetória de um povo que acredita num único Deus, exatamente o mesmo Deus. Estão nessas escrituras, por exemplo, as histórias de Noé - que representa a primeira aliança de Deus com os homens - e a de Abraão, a chamada "segunda e eterna aliança". É a partir de Abraão que há uma divisão na árvore genealógica do monoteísmo. Abraão teve dois filhos: Isaac e Ismael. Moisés e Jesus são descendentes diretos de Isaac. Já Ismael inicia uma linhagem que levaria até Maomé, o último profeta, segundo a religião islâmica. Além disso, o Alcorão é uma releitura da Torá e



Ali Kamel, editor geral de Jornalismo da Rede Globo, lança o livro Sobre o Islã... pela editora Nova Fronteira

**Kamel firma-se nesse segundo livro como um original provocador de reflexões sobre temas contemporâneos**

do Evangelho. Por que, então, envolver Deus em qualquer disputa ou desentendimento? Afinal, Ele une, e não separa.

A tentativa de responder, ao menos em parte, essa pergunta ocupa o segundo terço do livro. É, numa opinião muito pessoal, o trecho mais interessante. Kamel mostra intimidade com o tema. Foi fundo na pesquisa das origens do terror islâmico, destrinchando a formação do que hoje chamamos de Iraque, Arábia Saudita etc. O melhor: esclarece a natureza do pensamento ultraconservador, inclusive da valorização do suicídio. Explica como os ideólogos Al-Banna e Qutb construíram o raciocínio totalitário da Al-Qaeda de Bin Laden, mostra o importantíssimo papel de organizações como a Irmandade Muçulmana, além de vários xeques e califas, na fundamentação das bases do terror.

Vale aqui abrir um parêntese. Ali Kamel, como o nome sugere, tem ascendência árabe.

É filho de um sírio muçulmano com uma baiana católica, casado com uma judia, ambos jornalistas - ele também sociólogo. Aos 45 anos, o atual diretor-executivo de Jornalismo da Rede Globo é um dos mais bem-sucedidos profissionais de sua geração. A pesquisa para o livro e as viagens ao Oriente Médio foram, portanto, em certa medida, uma imersão nas próprias origens do autor.

O terceiro terço do livro é a parte com maior potencial para a polêmica. Kamel lança o que chama de "algumas perguntas sobre a Guerra do Iraque". E, lógico, propõe respostas. Resumidamente: Toda guerra é má e toda paz é boa? Não, pois há guerras necessárias. Bush e Blair mentiram sobre armas de destruição em massa? Claro que não. Havia algum laço entre Iraque e a Al-Qaeda? Sim. O petróleo foi a causa verdadeira da invasão do Iraque pelos Estados Unidos? Não. O que será do futuro? Não haverá futuro sem infligir aos terroristas uma derrota definitiva, e para isso é preciso solidariedade internacional aos Estados Unidos.

O autor sustenta seus pontos de vista de maneira corajosa, mesmo quando recorre a especulações - e praticamente as assume como tal. Abre, portanto, o peito a inevitáveis críticas. Dá até para imaginar leitores irritados ou indignados. Como certamente ficaram

muitos dos que leram o primeiro livro de Kamel, *Não somos racistas* (Nova Fronteira, 144 páginas, 2006), no qual ataca a adoção de cotas raciais no país, sustentando que elas podem mais estimular o ódio racial do que combater o racismo.

Kamel firma-se nesse segundo livro como um original provocador de reflexões sobre temas contemporâneos. Não busca a unanimidade nem recorre à polêmica rasa. Como um bom jornalista, investiga, estuda, desenvolve uma linha de raciocínio e oferece um novo ângulo de algo aparentemente esgotado. É intelectualmente honesto nessa tarefa, por mais difícil de digerir que seja. Preconceito? É disso mesmo que ele trata. E merece ser respeitado por quem aprecia debates estimulantes. Um exemplo. Talvez nem tanto pelas conclusões a que chega, mas pelo caminho que trilha: a argumentação responsável.

> MARCOS TARDIN é Diretor de Jornalismo da TV O POVO

## SERVIÇO

**Sobre o Islã** - A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Ali Kamel. Nova Fronteira. R\$ 34,90

**AQUI VOCÊ É. VOCÊ FAZ. VOCÊ SE REALIZA.**

No 21 de Abril você é sujeito, que sonha, cria, experimenta, conquista... E faz da vida um objeto direto do desejo de ser feliz.

**MATRÍCULAS 2008**

**COLÉGIO 21 DE ABRIL**  
AQUI VOCÊ APRENDE.

www.colegio21deabril.com.br  
(85) 4006.0800 | Av. Bezerra de Menezes, 600.